

BCs concordam sobre juro alto

Cancun — Depois de uma longa discussão técnica, diretores de bancos centrais de toda a América Latina concluíram que as altas taxas de juros são um mal necessário, com o qual os países em desenvolvimento terão de conviver, até o dia em que os governos da região consigam colocar em dia a sua própria contabilidade.

O consenso foi de que esse fator desempenha um papel importante nos programas de estabilização. Afinal, tais iniciativas costumam incluir grandes aumentos de juros reais como uma tática de vida ou morte: seu objetivo é o de estimular a poupança financeira e evitar as fugas de capital.

Essa medida é inevitável devido à incerteza que cerca os programas de estabilização na América Latina. Os investidores exigem rendimentos elevados para depositar recursos em instrumentos financeiros domésticos — justificou o presidente do Banco Central do México, Miguel Mancera, falando à imprensa em nome de todos os seus colegas.

Se por um lado o aumento dos juros serve para garantir a manutenção do dinheiro dentro de um País, por outro ele também cria um grave problema — que, hoje, é um ponto

vital a ser solucionado para que os países mais endividados consigam promover o seu crescimento. A questão é que quem mais demanda crédito nos mercados financeiros domésticos é o setor público. E, portanto, o aumento das taxas de juros acaba indicando desfavoravelmente no déficit fiscal de um País.

Os diretores de bancos centrais concordaram que a partir daí se cria um círculo vicioso: as altas taxas de juros criam um déficit fiscal maior e isso estimula o crescimento da inflação, que por sua vez faz com que seja necessário aumentar as taxas de juros. Esse ciclo tem hoje uma relevância importante na saúde financeira dos países, já que a falta de acesso cada vez maior aos mercados internacionais de capital faz com que os governos financiem o déficit público nos mercados domésticos.

A conclusão final foi a de que esse círculo vicioso só poderá ser rompido através de um esforço contínuo de saneamento das finanças públicas. Só assim haverá maior credibilidade na política econômica de um país. E, portanto, uma mudança de expectativas que permita, por fim, fazer com que as taxas de juros sejam menores.